

Promovendo a autonomia da aprendizagem de Língua Inglesa

Juliana Macedo Silva – macedosjulliana@gmail.com

Francisco Edilson de Souza – francisco.edilson@gmail.com

RESUMO: Este trabalho apresenta propostas e resultados, de atividades elaboradas e executadas, no Centro de Idiomas – UEG – CCSEH, durante o primeiro semestre de 2016, no curso de Inglês Básico 1. Todas as atividades propostas visam promover a autonomia dos alunos, ajudando-os a compreender que a aprendizagem de línguas não se limita a aulas dentro de uma sala. Incentivando-os a pesquisarem sobre assuntos de seus interesses, ajudando-os a seguir seus objetivos em relação à nova língua estudada.

Palavras-chave: Autonomia, Ensino de Língua Inglesa, Ensino de Jovens e Adultos

Introdução

Durante muito tempo pensava-se que aprender uma língua se baseava apenas em compreender gramática e vocabulário. Atualmente, a visão de “saber” uma língua é utilizá-la de forma adequada. Uma língua é usada para comunicar ideias, sentimentos, entre muitas outras coisas, permitindo ao seus falantes a possibilidade de interação social e cultural. (MICCOLI, 2007)

Para Miccoli (2007), ensinar inglês deve expor o aluno à realidade que o rodeia, desenvolvendo habilidades que lhe permitam entender o inglês ao ligar o rádio ou televisão como por exemplo, levando-o a desenvolver tarefas que o ajudem a lidar com essa realidade. Promovendo sua própria autonomia.

Seguindo esse princípio, desenvolvemos o projeto de “self-study” com os alunos de Inglês Básico 1 no Centro de Idiomas – CCSEH, nos períodos vespertino e noturno. Com o propósito de desenvolver nos alunos habilidades que os permitissem se tornar sujeitos de seu processo de aprendizagem, tornando-os conscientes de sua autonomia como estudantes e falantes de uma língua.

Referencial Teórico

O ensino de língua estrangeira deve promover a utilização da língua a fins de comunicação, se não diretamente com outros falantes, através de textos escritos ou meios de comunicação, procurando sempre fazer frente ao uso cotidiano do inglês. Nos dias de hoje, compreender o ensino de línguas como a aprendizagem restrita de gramática e vocabulário, pouco colabora para a construção eficaz de comunicabilidade na realidade em que nos encontramos, onde o inglês cada vez se faz mais presente. (MICCOLI, 2007)

Nesse aspecto, acreditar que o aluno aprenderá todo o necessário para se expressar em uma língua estrangeira dentro de uma sala de aula, e em um curto período de tempo, é errado.

O aluno deve ser incentivado desde cedo a buscar suas próprias soluções e desenvolver ações que o façam se desenvolver quanto aluno. O que, certamente, irá contribuir para a sua evolução como ser humano, ajudando-o a buscar seus próprios caminhos e próprias maneiras de resolver situações e buscar soluções às questionamentos. (MICCOLI, 2007)

Através de atividades que promovam o desenvolvimento de autonomia, o professor estará levando se aluno(a) a tornar-se um indivíduo que entende que a aprendizagem é um processo de natureza cooperativa – professor, aluno e colegas trabalham juntos. Quando o aluno não está em sala de aula, seu desempenho depende de sua autonomia para realizar tarefas e resolver problemas sozinho ou com a ajuda de outras pessoas. (MICCOLI, p 34)

O conceito “autonomia” segundo o dicionário Michaelis é: 1. Capacidade de autogovernar-se; 5- Liberdade moral ou intelectual do indivíduo; independência pessoal; direito de tomar decisões livremente; 6 - FILOS Liberdade do homem que, pelo esforço de sua própria reflexão, dá a si mesmo os seus princípios de ação, não vivendo sem regras, mas obedecendo às que escolheu depois de examiná-las. Aplicando tal conceito em sala de aula, significa que o aluno assume responsabilidade pelo seu próprio processo de aprendizagem. (MICCOLI, 2007)

O aluno não é mais visto como um recipiente vazio que deve ser preenchido de conhecimentos, mas como um ser ativo que deve ser capaz de utilizar criativamente esses conhecimentos. (...) A autonomia deve ser promovida aos poucos através de tarefas e projetos que promovam progressivamente esse novo estilo de aprendizagem. (MICCOLI, p 33)

Paulo Freire já se referia à autonomia há mais de 30 anos, mas ainda existe muita resistência à construção de uma educação transformadora e emancipadora. No dias atuais, a maior resistência vem do próprio aluno, pois, desenvolver tal autonomia exige esforço, dedicação e um aluno que não está acostumado com este processo, não sabe se adequar a essa nova modalidade de aprendizagem. (MICCOLI,2007)

De acordo com Paulo Freire (1987), estaríamos nos ‘autoformando’ para a construção de nossa identidade em um processo para “ser mais”, nos responsabilizando por pensar e dirigir essa formação, desenvolvendo em nós mesmos essa matriz de humanização, tendo leituras como realização de experiência de formação - comparando, refletindo, transformando nossa prática cotidiana.

Porém, autonomia não pode ser confundida com autodidatismo. O estudante autodidata seleciona seus próprios conteúdos e não conta com uma proposta pedagógica para seus estudos. Como por exemplo, uma modalidade de ensino à distância, permite a organização autônoma dos estudantes, principalmente em relação à espaço e tempo destinados aos estudos, mas não significa que não exista uma proposta didática de seleção de materiais, conteúdos, orientações e procedimento dos estudos e atividades propostas. (LOPES; NEWMAN; SALVAGO, 2013)

Assim, algumas atitudes que contribuem para alcançar a autonomia, seriam: comprometimento, sensibilidade, criatividade, participação, responsabilidade entre outras.



Porém não existem receitas prontas, nem fórmulas que garantam sucesso, dependerá do perfil de cada turma e estudante para que os resultados sejam alcançados, além da sensibilidade do professor em administrar atividades e conteúdos. Nessa perspectiva, na busca da autonomia, os papéis, tanto do professor, como do aluno, se alteram, se modificam e ambos possuem responsabilidade significativa no processo de ensino-aprendizagem. (LOPES; NEWMAN; SALVAGO, 2013)

Metodologia

Baseando-se nas premissas de Miccoli, organizamos um projeto de “Self-Study” para os alunos do Inglês Básico 1 do Centro de Idiomas –UEG - CCSEH.

Primeiramente, explicamos a concepção de autonomia, e qual a importância de um aluno de línguas estrangeiras em “buscar” aprofundar sua aprendizagem extra-classe. Assim propomos algumas atividades de pesquisa nos primeiros meses de curso, de forma, a instigar tal interesse nos alunos. Atividades como: pesquisa de vocabulário, pesquisa de locais ou temas relacionados ao conteúdo – promovendo discussões em volta dos mesmos, fichamentos de filmes e músicas, atividades com pronúncia fonética, entre outras.

A dificuldade das atividades propostas acompanharam o desenvolvimento dos alunos no curso, conforme fossem aprimorando sua percepção em língua inglesa, a dificuldade ia aumentando.

O projeto durou seis meses, participaram no total 27 alunos – 15 alunos da turma do horário vespertino e 12 alunos da turma do horário noturno. A faixa etária dos alunos variavam de 15 a 50 anos, sendo a grande maioria entre 20 e 30 anos.

Resultados e discussão

Os resultados das atividades foram surpreendentes. A adesão dos alunos com o projeto e as atividades propostas teve muita aceitabilidade. Entre as turmas, a noturna foi a que possui um pouco mais de resistência, talvez pelo perfil dos alunos, que por serem mais velhos e trabalharem, não tinham tanto tempo disponível para pesquisa e dedicação focada no estudo de línguas. A turma do vespertino, como a grande maioria era formada por universitários, se aprofundavam mais nas pesquisas, e eram bastante participativos.

Sobre as atividades de pesquisa de vocabulário, todos os alunos eram chamados a escrever as palavras pesquisadas no quadro – colocando-os em uma posição participativa significativa dentro da sala de aula, assim muitos alunos acabavam se identificando uns com as pesquisas dos outros, discutindo sobre a semântica e o uso de muitas palavras, tentando sempre compreender a utilização adequada de tais palavras, o papel do professor nesse contexto foi o de esclarecer tais usos e auxiliar com a pronúncia fonética.

Ao final de cada capítulo, era proposta uma aula temática, com pesquisas e discussões acerca do tema, promovendo o ensino crítico da língua. Somente nos últimos três capítulos não houve tais aulas, por uma questão de calendário e finalização da etapa do curso. Foram discutidos temas como: mitologia – sobre a história dos dias da semana e meses do ano; música – de forma que aproveitamos o tema “International Music Festival”, mostrando e pesquisando diferentes estilos de música pelo mundo; profissões e lifestyles.



Antes de cada prova, nas aulas de revisão, foram propostas atividades em grupo, o quadro foi subdividido em tópicos, e cada grupo deveria pesquisar e escrever qual seriam as partes mais importantes de cada tópico, assim o papel do professor foi o de complementar e o de revisar com os demais grupos todos os aspectos de cada unidade. A participação dos alunos nestas atividades foi gratificante, e superou as expectativas esperadas. Cada prova era baseada em três unidades, onde eram cobradas vocabulário, gramática, interpretação de texto e pronúncia.

Por fim, as atividades de fichamento de filmes e músicas, foi a última a ser proposta, quando os alunos já possuíam certo conhecimento da língua. Os alunos, nos últimos dois meses de aula, deveriam preencher duas fichas, uma de um filme/episódio em inglês e outra de uma música, os filmes e músicas ficavam à escolha dos alunos. No total deveriam ser entregues cinco fichas de cada modalidade, foi perceptível a evolução de compreensão oral dos estudantes, as aulas passaram a ser mais rápidas, até pela menor necessidade de repetir os áudios contidos no material, a repetição ficara apenas para uma percepção de sotaques estrangeiros e pronúncia de determinadas palavras.

Considerações Finais

De modo geral o ensino de línguas visando a autonomia do aluno é, contudo, significativa. O desenvolvimento do aluno quanto à uma nova língua deve perseguir os seus anseios e objetivos, sejam acadêmicos, profissionais ou apenas por entretenimento, e a melhor forma de isso ser alcançado, é o professor saber conduzi-lo a este caminho, sendo um guia, um mediador, e não um centro de todo o conhecimento.

A autonomia do estudante deve ser considerada, não só no ensino de línguas, pois, o estudante quando for precisar de tais conhecimentos estará por si só, e se essa autonomia for desde cedo trabalhada, terá um bom desempenho sem precisar de ajuda. É mais do que só mais uma forma de ensino-aprendizagem, mas uma forma de influenciar no desenvolvimento humano e social dos estudantes.

Referências

MICCOLI, Laura. Autonomia na aprendizagem de língua estrangeira. In (Org.) Paiva, Vera Lúcia Menezes de Oliveira. Práticas de Ensino e Aprendizagem de Inglês com Foco na Autonomia. 2º Ed. Editora Pontes. 2007.

FREIRE, P. Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

LOPES, Cristina Lima Paniago; NEWMAN, Bárbara Ann, SALVAGO, Blanca Martin. Autonomia Em Contextos Educacionais Diferenciados: Presencial E Virtual. Universidade Católica Dom Bosco. 2013. Disponível em:<



ANAIS - Seminário de Estágio Supervisionado do Campus Anápolis de CSEH-UEG: as decisões nas políticas públicas nacionais, estaduais e institucionais com reflexos na formação profissional.

10 e 11 de novembro de 2016

http://www.vdl.ufc.br/solar/aula_link/extensao/tutores/formacao_inicial_tutores/2013-1/LQUIM/aula_03/imagens/02/aula02.pdf> acesso em: 06 de novembro de 2016

